

Barcelona e Berlim: imagens midiáticas, cidades globais e urbanismo contemporâneo

João Victor Moura de Queiroz¹ (IC), Sandra Catharinne Pantaleão Resende² (PQ), Carolliny Domingos Sales³ (IC).

¹joao_victor_mk@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo:

A partir do século XIX houve transformações urbanas mais intensas que estimularam discursos sobre a preservação e salvaguarda do tecido urbano existente. No último quarto do século XX, com a ampliação do território urbanizado e do conceito de patrimônio cultural edificado, a inserção de políticas públicas e investimentos do capital privado, as cidades passaram a ser exploradas como imagens midiáticas, buscando arquiteturas inéditas e vinculadas às formas inusitadas. O início desse processo situa-se na revisão crítica do Movimento Moderno, devido às abordagens historicistas empregadas. As intervenções urbanas saíram de uma visão todo para uma escala menor, com novas propostas que assumiriam as características do lugar como ponto primordial. Esta prática, conhecida por alguns teóricos como “Urbanismo Contextualista”, ganhou força a partir da década de 1960, principalmente na Europa, e esteve sob foco de importantes intervenções do período, destacando os casos de Barcelona e Berlim. Como desdobramentos, nas décadas de 1990 e 2000, estas cidades tiveram seu tecido alterado devido à implantação de polos culturais, esportivos, empresariais, entre outros que arrecadassem público e investimentos. Partindo de uma iniciativa de seus gestores e os interesses do capital privado, essa pesquisa apresenta essa dinâmica urbana e seus ecos no debate do urbanismo contemporâneo.

Palavras-chave: Urbanismo Contextualista. Cidades midiáticas. Estratégias Urbanas Contemporâneas.

Introdução

A crise urbanística modernista se estabeleceu no interior dos últimos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM's), substituindo o universalismo e a padronização recorrentes por questionamentos quanto às especificidades históricas. Mediante as constatações do distanciamento entre a realidade das cidades e suas particularidades, os últimos CIAM's debatiam ideias de reformulação do modo de intervir nos centros urbanos. Sobre esta nova onda de meados do século XX, Bronstein (2012) afirma:

A ideia de imprimir, ao pensamento urbano, noções de identidade aliadas a uma mudança de escala no tratamento dos problemas do habitar, trouxe transformações no interior de um pensamento que se mantinha operando sob a lógica produtiva da inovação e do progresso. Uma mudança mais substancial começa a ser delineada nesse panorama, quando o componente da história é incorporado ao discurso urbano. (BRONSTEIN, 2012, p. 161)

A missão de resistir à planificação e à “urbanização demolidora” dos modernos e reviver a urbanidade e a vida pública, estaria incumbida às novas propostas, como afirma Arantes (2014). Ao longo dos anos 1960 e nas décadas seguintes, o planejamento totalizador foi sendo substituído por ações pontuais. Eram, em sua maioria, intervenções orientadas, concentradas em “restaurar”, “reciclar”, “consertar sem destruir”, “refazer sem desalojar”, entre outros. De certa forma, a transfiguração do lugar, comum no modelo em crise, perdia espaço para as novas ideias de caráter contextualista. (ARANTES, 2014, p.124)

Entre 1960-1990, esse discurso foi explorado nas cidades europeias. O chamado “urbanismo contextualista” teve rápida importação em intervenções de outros locais, difundido mundo afora. O tecido urbano destes centros urbanos, com destaque a Barcelona e Berlim, materializaram grande parte das teorias *pós-modernas*. O tecido urbano existente serviu de pano de fundo para as mais diversas experimentações e interpretações acerca de intervenções arquitetônicas e urbanísticas influenciadas pelo traço histórico, cultura e morfologia local. (BRONSTEIN, 2012)

Em um primeiro momento, desenvolveram-se propostas de valorização da memória e da identidade local por meio de estratégias de valorização do patrimônio cultural edificado. A experiência catalã e a busca germânica por um reposicionamento estratégico e econômico nos anos 1990 corroboraram que outras “camadas” caracterizassem a cidade contemporânea, não apenas por sua morfologia, mas pela imbricada relação econômica que rege determinadas estratégias urbanas.

O respeito à memória, à morfologia local e à valorização da vida urbana eram pontos principais e, talvez, sua maior justificativa. No entanto, à medida que os projetos foram sendo concluídos, associados a interesses de diversas ordens essa proposta foi desfigurada em prol do lucro e pela nova imagem local que os investidores e políticos almejavam, levando às contradições entre discurso e prática.

Para lembrar e esclarecer aqui, as últimas décadas do século XX foi marcada por grandes intervenções urbanas (revitalizações, reformas, reabilitações, etc.) em que as novas relações entre o Estado e o setor privado podem ser constatadas – as

quais se estreitavam devido aos projetos de grande escala e com maior potencial publicitário, apontando as características de “cidade dual”, “cidade do espetáculo” e “cidade global”, necessárias à competitividade entre elas (VÀZQUEZ, 2004).

Aponta-se também, não como único, mas como um dos principais motivos para este fato: quanto maior o vínculo entre o Estado e o capital privado, maior a desvinculação do discurso e da prática. Em outras palavras, o que inicialmente era visto como “modestas” propostas para a cidade, que seriam respostas às intervenções descontextualizadas dos modernistas, adquiriram maneira popularidade e maior aporte de investimentos. Com isso, as estratégias urbanas pontuais vincularam-se aos investimentos do mercado financeiro, visando lucro e, por vezes, a produção de uma imagem para a cidade, como “vitrines”.

Como justificativa essas mega-intervenções são motivadas por grandes eventos de *marketing* mundial. O dito “Planejamento Estratégico”, no caso de Barcelona, concentrou seus projetos em uma série de intervenções entre os anos 1980 e 1990, tendo as Olimpíadas de 1992 como ápice. Já Berlim, com maior engajamento político, produziu uma série de projetos para a transformação da capital recém-unificada, simbolizada pela queda do Muro de Berlim, em 1989.

A partir destes processos, percebe-se que os traços de identidade e respeito aos diversos aspectos locais perdem força para outros interesses. A visão “contextualista” foi ofuscada por questões mercadológicas. Há uma exacerbação do genérico e do similar e a recusa e a escassez de propostas que exploraram o singular e específico de cada contexto. Como reforça Muñoz (2008), falta identidade nos centros urbanos quando estes se tornam alvos desse tipo de intervenção:

O processo global de urbanização e a progressiva extensão da cidade no espaço, fazem que encontremos cada vez mais dificuldades para apreciar conteúdos de vernáculos próprios dos lugares através de suas paisagens [...] O denominador comum das metrópoles, em alguns casos, ou as transformações aceleradas no território, em outros, fazem com que a paisagem deixe de representar permanências históricas ou culturais para mostrar panorâmicas líquidas que pronto desaparecerão substituídas por outras novas.” (MUÑOZ, 2008, p. 2)

A presente pesquisa trata de aprofundamentos acerca dos projetos urbanos desenvolvidos em Barcelona e Berlim no último quarto do século XX, que embora haja circunstâncias diversas, os resultados são convergentes, assim suas reverberações.

Material e Métodos

Para a viabilidade da pesquisa, utilizaram-se as referências bibliográficas: Berlim e Barcelona – duas imagens estratégicas (ARANTES, 2012); Urbanismo em fim de linha (ARANTES, 2014); Chai-ná (ARANTES, 2016); e “Ciudad Hojaldre – Visiones Urbanas del siglo XXI” (VASQUEZ, 2004). Esses autores abordam a produção arquitetônica-urbanística desencadeada na Europa desde meados dos anos 1970, sobretudo os desenvolvidos sob a ótica do contextualismo na cidade de Barcelona e Berlim. Também foram selecionadas publicações que contribuíram para um estudo aprofundado de contextualização da arquitetura, tais como “Urbanización – paisajes comunes, lugares globales” (MUÑOZ, 2008) e “A crise do urbanismo contextualista” (BRONSTEIN, 2012), entre outros.

Resultados e Discussão

As intervenções na cidade de Barcelona ocorreram durante um intervalo de aproximadamente dez anos, que se iniciou durante os preparativos de áreas da cidade para sediar as Olimpíadas de 1992 já no início da década de 1980 e se estendeu até meados da década de 1990. Este caso é um exemplo fundamental para entender as estreitas relações entre o Estado e o setor privado na gestão de grandes projetos urbanos, pois à medida em que a prefeitura catalã percebia a insuficiência dos fundos públicos, o comprometimento da iniciativa privada se tornava cada vez mais massivo. De certa forma, as Olimpíadas (entrando na roda outros eventos que ocorreram na mesma data, tais como a Feira Industrial de Sevilha, Madri Capital Cultural da Europa e o Quinto Centenário) se tornou terreno fértil para grandes investimentos e construções monumentais, em que se usavam como pretexto o engajamento social, o incentivo ao esporte e à cultura. No entanto, o que se percebia eram os ganhos monumentais sob a ótica mercadológica e midiática dos “investidores” da cidade (ARANTES, 2012). O que a princípio eram intervenções para um evento esportivo, logo se transformou em um grande plano de intervenções com exorbitantes investimentos que perduraria até a década seguinte.

A preparação da cidade, para este grande evento esportivo, protagonizou os principais projetos catalães, considerados os geradores dos “ecos mercadológicos” nos projetos subsequentes (figura 1)

O caráter dessas intervenções, segundo Montaner (2004), pode ser dividido em duas fases. Na primeira fase, ocorrida nos primeiros anos década de 1980, embora apresentasse grandes contradições (exemplo disto é o caso do *Mol de la Fusta*), as intervenções na cidade se mostraram mais modestas, com destaque aos projetos do arquiteto Oriol Bohigas. Montaner (2004) relata que esta primeira etapa pode ser entendida como a “regeneração da cidadania”, através de multiplicação de áreas públicas e maior diálogo entre projetistas e usuários. A segunda fase, com outras lideranças políticas, verificam-se radicais diferenças devido às circunstâncias geradas por dois fatores: as imposições do Comitê de Organização das Olimpíadas e a importância de se construir uma cidade que, além de possuir um grande polo esportivo, fosse atraente para turistas e investidores (ARANTES, 2012, p.38). A partir disto, as questões projetuais do “Plano de Barcelona 92” – assim chamado por seus autores – passavam a ser fruto do diálogo entre os gestores públicos e o grupo de investidores, conhecido por “planejamento estratégico.

Figura 1: Mapa de projetos na cidade de Barcelona (Décadas de 1980 e 1990)



Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

O projeto *Mol de la Fusta* (1981) consistiu na urbanização da região do Porto Velho com a abertura de uma grande área da cidade para o mar, inaugurada em 1987. Este projeto, quando ainda em planejamento, caracterizava este primeiro momento. No entanto (reforçando as contradições desta fase inicial), embora a reintegração de uma área abandonada à “vida urbana” se mostrasse como uma causa nobre dos gestores e arquitetos, atualmente o *Mol de la Fusta*, como diz Arantes (2012, p.): “[...] não passa de um local de passagem, de não estar, talvez seja hoje uma das áreas menos frequentadas da orla marítima da cidade [...]”. Um dos fatores foi o trânsito caótico da área; a segunda e, talvez a principal razão, é ser constituído por

duas áreas conflitantes e desconexas: uma rapidamente tomada por bares e restaurantes de alto padrão; e outra, onde se encontra uma grande área com várias palmeiras de distintas espécies, que na verdade não agregaram potencial de uso ao lugar. Além de não gerar uma aparência acolhedora também não cultivava a permanência no local quando estas palmeiras não produziam ao menos sombra em uma área que é bastante ensolarada. (ARANTES, 2012, p. 44)

A segunda fase protagonizou, em sua maioria, nos demais trechos da orla desenvolvimento de projetos em pontos estratégicos que produziram novas “centralidades”, como o Mol d’Espanha e o Mol de Barcelona (ambos na costa), o Raval (na bairro antigo de Barcelona), entre outros. Estas grandes intervenções foram alvo de inúmeras críticas devido ao desrespeito e à completa descontextualização da nova arquitetura em relação à cidade.

[...] o que se vê é a descaracterização, a espetacularização, a privatização total dos espaços [...] esta (segunda etapa de projetos) especialmente já entrega inteiramente a iniciativa privada, sem que alegasse qualquer caráter público, enfim, assumidamente um lugar de negócios. (ARANTES, 2012, p. 49)

A maior crítica acerca do tratamento arquitetônico-urbanístico desmedido na cidade de Barcelona durante as últimas décadas do século XX, foi a Vila Olímpica de Nova Icária que começou a ser planejada de fato em 1986. Além da proposta de recuperar a frente marítima da uma antiga zona portuária e, com isso, “trazer Barcelona ao mar”, a vila materializou-se como um novo bairro construído para abrigar os atletas da competição e que, posteriormente, serviria para habitações de classe média. Além dos excessivos gastos e da gentrificação causada pela supervalorização do local – o que colocou em ruínas o plano de moradias definido inicialmente para a classe média – a crítica principal foram as contradições apresentadas quando estes arquitetos intervirem de forma acrítica numa área de valor patrimonial, com destaque à arquitetura industrial. Para os críticos, em alguns pontos houve uma completa alteração, estabelecendo quase uma “tábula-rasa” e, contrastando com a demolição, em outras áreas, houve a supervalorização de exemplares que não se mostrava com justificativas concretas.

O caso de Berlim ocorreu durante as décadas de 1980 e 1990, no contexto de uma de reestruturação em diversos pontos, sobretudo abrangendo questões econômica, política e de infraestrutura. Após protagonizar dois grandes conflitos mundiais diretos e ter forte participação na Guerra Fria, os berlinenses sofreram diretamente com a bipolaridade do Muro, construído em 1961. O país se encontrava derradeiro, sem

uma centralidade que demonstrasse força, sem uma capital expressiva que sediasse um novo polo econômico, social e cultural no país capaz de absorver a dinâmica que imputava no final do século XX.

A prefeitura Berlim buscava, na arquitetura e no urbanismo, uma alternativa para a solução dos latentes problemas sociais, assim como atrair para si o poderio econômico e midiático digno de uma cidade global no centro da Europa – com o fervoroso empenho e investimentos do capital privado. Pode-se dizer que o desejo de intermediar o mundo oriental e ocidental, a capital alemã começava a se tornar o centro das atenções dos mais famosos arquitetos do mundo e, com isto, foi aos poucos se tornando um laboratório de experimentações urbano-arquitetônicas culminando em dois casos emblemáticos de intervenção urbana: a IBA de Berlim, no lado Ocidental da cidade antes da Queda do Muro; e as intervenções posteriores à sua demolição, na Potsdamer Platz.

Os projetos para a IBA de Berlim (Internationale Bauausstellung Berlin) tiveram início em meados da década de 1980 e foram o primeiro caso que moveria grande quantidade de fundos e atrairia a atenção de grandes nomes da arquitetura – o que influenciaria diretamente nos eventos subsequentes. Partindo de uma iniciativa da prefeitura da cidade e organizada como uma grande exposição de arquitetura custeada com equiparados gastos públicos e privados, a IBA atuou majoritariamente no campo residencial, e interviu especialmente na Friedrichstrasse. (ARANTES, 2012, p. 108).

Executados em sua maioria para o evento que aconteceria em 1987, os projetos puderam ser vistos a partir do Urbanismo Contextualista quando os arquitetos respeitaram importantes características da arquitetura preexistente, tais como o modelo dos blocos contínuos, o gabarito dos edifícios, entre outros. Em outra linha, surgiram algumas críticas acerca das intervenções deste evento que se basearam principalmente em dois pontos: O primeiro foi a respeito da incoerência das intervenções; e o segundo, trata-se da questão da cidade encarada como um objeto de mídia. Para reforçar esta ideia, Arantes (2012) afirma:

Embora reatando com uma tradição de mostras deste tipo, que vinha da Bauhaus, e especialmente voltadas para a habitação, tratava-se antes de mais nada de uma vitrine da arrancada capitalista pouco antes da queda do muro.[...] de resto, demonstrando nos conjuntos de iniciativas, ainda menor ou nenhuma coerência urbana. (ARANTES, 2012, p. 108)

De certo a IBA de Berlim foi uma grande intervenção que provocou euforia aos críticos, tanto no bom sentido, quanto no mal. No entanto, é inegável que este

processo foi um dos principais pontos de partida para a reestruturação de uma Alemanha desgastada pelos trágicos acontecimentos do século XX. Ainda que houvesse uma postura historicista, a perspectiva germânica se distanciava das propostas italianas do grupo La Tendenza, pois focava, em grande parte, possibilidades de intervenções que considerassem além da preservação, aspectos de transformação e novas soluções urbano-arquitetônicas. Berlim como experimentação projetual foi objeto de estudo de Oswald Mathias Ungers e, posteriormente, por Rem Koolhaas. Compreendê-la como um laboratório e um rico “canteiro” de ruínas, esses arquitetos mostraram alternativas ao contextualismo urbano vigente. Entre eles, foi o reconhecimento da cidade por partes e de maneira poder-se-ia, articular a periferia, isto é, alcançar também as características da cidade do século XIX e XX e não apenas aquela considerada de longo duração histórica (PANTALEÃO, 2016).

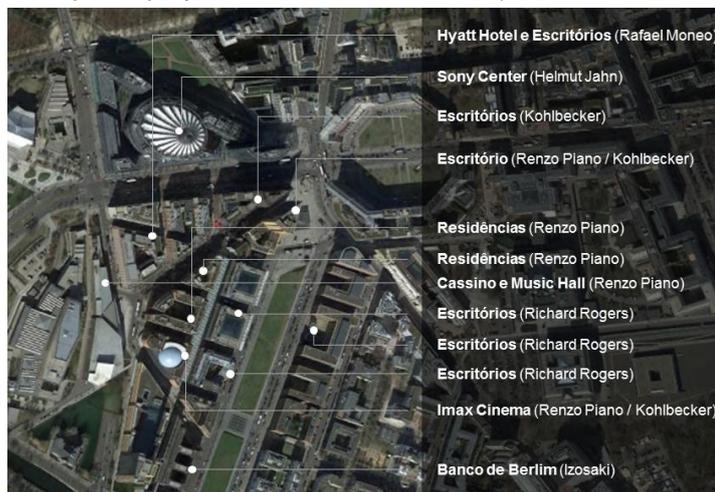
A adaptação alemã às contingências sócio-históricas demarca uma característica desse povo, uma vez que retratam sua história não necessariamente pela exacerbada onda preservacionista mas por uma postura menos ortodoxa, fixada na ideia de que a memória incide numa intrínseca relação entre as diversas camadas que constituem a cidade e, conseqüentemente, seus registros ao longo do tempo, numa relação entre tradição e modernidade. As estratégias adotadas na Berlim para o século XX respaldaram-se em demarcar não apenas os grandes feitos históricos ou os monumentos mais representativos. Foram incorporados também espaços obsoletos, áreas industriais e o próprio muro como elementos representativos de aspectos econômicos e políticos em prol da reunificação alemã.

O início da década de 1990 foi marcado pelo desenvolvimento de uma série de projetos com a atuação de vários escritórios de arquitetura mobilizados a “transformar” a paisagem urbana da capital alemã, sobretudo em uma área conhecida como Potsdamer Platz (figura 2). Após a queda do Muro, esta região foi considerada ponto estratégico para as novas pretensões da Alemanha reunificada. Além de estabelecer um “elo físico” entre as áreas ocidental e oriental, grande parte dos investimentos deveriam ser alocados entre elas, por meio de novos projetos que colocaria Berlim entre as grandes cidades globais.

Esta segunda etapa, diferentemente das intervenções anteriores, tinha fortes semelhanças com os grandes projetos de Barcelona no fim do século XX, sobretudo na pela constante participação do capital privado e pelas ambições de uma

arquitetura com megaprojetos e de um urbanismo corporativo. As políticas de respeito às práticas e tipologias de Berlim, antes adotadas na IBA de 1987, começaram a ser modificadas e a liberdade formal e de escala serviria como ponto de partida para a produção de uma arquitetura menos berlinense. (ARANTES, 2012)

Figura 2: Mapa de projetos na cidade de Berlim (Décadas de 1980 e 1990)



Fonte: elaborado pelo autor (2017)

De acordo com Arantes (2012), acerca das intervenções nesta área de Berlim:

[...] Tudo ali parece obedecer à intenção de criar uma minicidade, com sua variedade de funções, de arquitetura e espaços: ruas, praças, espelhos d'água, etc. e, no entanto, tudo é monumental, espetacular, excessivo, pouco acolhedor. Tem-se a nítida sensação que há um erro de escala e, quem sabe, de lugar. (ARANTES, 2012, p. 125)

Potsdamer Platz logo se tornou um terreno em que empresas multinacionais como a Sony, Daimler – Benz, etc., aliadas aos seus respectivos arquitetos, disputavam espaço para erguer seu próprio edifício. Isso atribuía a essa arquitetura um forte caráter midiático – primeiramente para as empresas – influenciando diretamente na imagem de uma cidade recém-formulada. Muñoz (2008) caracteriza Berlim como cidade “marca”, tendo em vista as estratégias de fortalecimento de sua imagem como espaço de oportunidades para grandes investimentos.

Considerações Finais

A apreensão das estratégias urbanas do último quarto do século XX e as perspectivas de intervir nas cidades, reapropriando-se do espaço construído, compreendem as alternativas à prática arquitetônica nas cidades contemporâneas. Ao eleger Berlim e Barcelona como objeto de estudo pode-se estabelecer correspondências ao pensamento teórico crítico desenvolvido por alguns arquitetos, como Aldo Rossi e Rem Koolhaas. O primeiro por ter buscado uma metodologia de

análise e projeção sobre a cidade existente, enfatizando as relações entre lugar, história, memória e cultura – elementos incorporados às intervenções urbanas dessas cidades nos anos 1980. Por outro lado, a intensificação da globalização, das relações de consumo, da revolução técnico-informacional e do avanço do capitalismo tardio, verificam-se outras abordagens necessárias. Koolhaas colocava-se como oposição às posturas vigentes na Europa: o urbanismo contextualista, uma vez que diversos aspectos interfeririam diretamente na condição urbana desencadeada por esses fenômenos, abarcando uma rede complexa de elementos para a definição das estratégias de intervenção urbana.

A arquitetura contemporânea, globalizada e informacional, retrata a aliança do capital público e privado (ARANTES, 2012). As cidades tornaram-se terreno fértil para investimentos, um produto lucrativo, colocando em questionamento as intervenções anteriores. Como afirma Arantes (2012): “cidades postas à venda”.

Agradecimentos

Agradeço a minha professora e orientadora Sandra C. Pantaleão e ao apoio da Universidade Estadual de Goiás.

Referências

- ARANTES, O. B. F. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Nobel, 1993.
- _____. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. **Chai-na**. São Paulo: Edusp, 2011.
- _____. **Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas**. São Paulo: Annablume, 2012.
- BRONSTEIN, Laís. A cidade como artefato: derivações urbanas da crítica ao movimento moderno. **Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: <<<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/903>>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- _____. Acerca da crítica aos objetos arquitetônicos. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 160.03, Vitruvius, set. 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.160/4879>>. Acesso em: 14 jan. 2017.
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL**. Nova York: Monacelli Press, 1995.
- MUÑOZ, Francesc. UrBANALización: en el zoco global de las imágenes urbanas. **Cidades – Comunidades e Territórios**, n. 9, p. 27-38, dez. 2004. Disponível em: <<http://cidades.dinamiacet.iscte-iul.pt/index.php/CCT/article/view/134>>. Acesso em: 9 set. 2015.
- _____. **Urbanización: paisajes comunes, lugares globales**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- PANTALEÃO, Sandra Catharinne. **A condição urbana contemporânea na perspectiva de Rem Koolhaas**. 2016. 276 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- VÁZQUEZ, Carlos García. **Ciudad Hojaldre**. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2004.